

<https://doi.org/10.5935/2238-1279.20230025>

Singrando as águas dos IFs na *web*: memórias escolares nas páginas do Facebook

Sailing the waters of IFs on the web: school memories on Facebook pages

Hundiendo las aguas de las FI en la web: memorias escolares en las páginas de Facebook

Isac Rocha da Silva
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
isac.silva@ifro.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-5324-4066>

Robson Fonseca Simões
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
robson.simoes@unir.br
<https://orcid.org/0000-0003-0046-9549>

RESUMO

Este artigo, um braço de uma pesquisa de doutoramento, a partir de uma abordagem qualitativa, reflete sobre as postagens dos usuários nas páginas dos Institutos Federais no Facebook, procurando espiar por uma fresta os cotidianos escolares da Educação Técnica de nível médio. Por quais motivos os usuários postam nas redes sociais virtuais? Observam-se os *posts* que desvelam os cotidianos da Educação Profissional rondoniense, visando à captação dos olhares alheios para as histórias escolares. Certeau (2009), Delory-Momberger (2008) e Halbwachs (1990) ajudam a entender que os significados que os sujeitos históricos partilham são construídos a partir de sistemas de significação. Os sujeitos utilizam os sistemas da cultura midiática para construir significados de comunicação e interlocução, ajudando a refletir que as novas tecnologias digitais também têm a sua importância no quesito espaço e guarda de arquivos pessoais, que também contam a história da Educação da Amazônia Ocidental.

Palavras-chave: Postagens no Facebook. Memória. Internet. História da Educação.

ABSTRACT

In this article, an arm of a doctoral dissertation, based on a qualitative approach, we reflect on the posts of users on the pages of the Federal Institutes on Facebook, trying to see school routines of Technical Education of secondary level schools. Why do users post on virtual

social networks? We have observed some posts that reveal the daily life of Professional Education in the state of Rondônia, Brazil, aiming to capture the eyes of others towards school stories. Certeau (2009), Delory-Momberger (2008), and Halbwachs (1990) help to understand that the meanings shared by historical subjects are constructed based on systems of meaning. Subjects use the media culture systems to build meanings of communication and interlocution, helping to reflect that new digital technologies also have their importance with regard to space and personal archives, which also tell the History of Education in the Western Amazon.

Keywords: Posts on Facebook. Memory. Internet. History of Education.

RESUMEN

Este artículo, brazo de una investigación doctoral, desde un enfoque cualitativo, reflexiona sobre las publicaciones de los usuarios en las páginas de los Institutos Federales en Facebook, tratando de espiar por un resquicio el cotidiano escolar de Educación Técnica de nivel medio. ¿Por qué motivos publican los usuarios en las redes sociales virtuales? Se observan publicaciones que revelan el cotidiano de la Educación Profesional en Rondônia, con el objetivo de captar la mirada de las historias escolares. Certeau (2009), Delory-Momberger (2008) y Halbwachs (1990) ayudan a comprender que los significados que comparten los sujetos históricos se construyen a partir de sistemas de significado. Los sujetos utilizan los sistemas de cultura mediática construyendo significados de comunicación e interlocución, ayudando a reflexionar que las nuevas tecnologías digitales también tienen su importancia en términos de archivos espaciales y personales, que también cuentan la Historia de la Educación en la Amazonía Occidental.

Palabras clave: Publicaciones en Facebook. Memoria. Internet. Historia de la Educación.

Memórias escolares à flor da tela: considerações iniciais

Esse lugar é encantador [...] esse lugar para mim não é só uma instituição [...].¹

[...] três anos de altos e baixos que interferiram na minha vida literalmente, mas confesso que tudo foi aprendizado [...].²

O que há em comum nos dois posts da epígrafe deste estudo? Ambas as postagens, extraídas da página “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook, procuram anunciar algumas histórias escolares vividas por usuários dessa rede social no Instituto Federal de Rondônia (Ifro), em Ariquemes, convidando o interlocutor a refletir sobre as experiências dos

¹ Postagem retirada do Facebook em 20/08/2020, da página Ifro Campus Ariquemes, postada pela usuária A. O. em 23/09/2014.

² Postagem retirada do Facebook em 20/08/2020, da página Ifro Campus Ariquemes, postada pela usuária L. Q. em 11/01/2015.

sujeitos junto àquela instituição de ensino rondoniense. Os registros da *web* também mantêm acesas as chamadas memórias dos usuários durante suas vidas escolares. Como num mosaico de experiências, os relatos dos sujeitos procuram expor as suas representações acerca das práticas educativas no educandário; talvez essas vozes digitais possam auxiliar os educadores a (re)visitar os currículos da instituição, no esforço de considerar os sujeitos que a escola atende, a região em que está inserida e outros aspectos locais relevantes.

As pesquisas de Simões (2018) nos ajudam a refletir acerca do fato de que as redes sociais digitais são também espaços de memória da escolarização. Por sua vez, os estudos de Ferreira (2009) sugerem que as memórias são possíveis reconstruções baseadas em depoimentos e relatos vividos pelos sujeitos. Nessa acepção, por meio das novas linguagens, vão se estruturando as formas de pensar e agir dos sujeitos que navegam na internet.

Partindo da concepção de Bakhtin (2012), é possível entender que as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana. Nesse sentido, as postagens dos usuários, com as suas memórias individuais, dialogam com a memória coletiva (HALBWACHS, 1990), redimensionando a realidade passada. As lembranças amparam-se em fatos, acontecimentos históricos e, ao mesmo tempo, ampliam e informam aspectos da história do cotidiano escolar, contribuindo para a construção das representações identitárias dos atores da escola.

Ao refletir sobre a memória, Le Goff (2013) afirma que se trata de um elemento essencial da identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos sujeitos e das sociedades. Essa essencialidade da memória é também reforçada por Pollak (1992, p. 204), quando ressalta seu papel no desenvolvimento do “[...] sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Mas por qual(is) motivo(s) se aproximar dessas vozes das redes sociais virtuais? Os desafios das ações pedagógicas com os sujeitos nas instituições de ensino não são poucos; os documentos oficiais, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a legislação brasileira procuram orientar o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de

ensino sem perder de vista a autonomia da escola, a gestão democrática e uma proposta pedagógica (re)significada, numa tentativa de incentivar as instituições de ensino a (re)visitar seus currículos e seus Projetos Político-Pedagógicos, bem como a (re)desenhar suas ações pedagógicas.

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) assinala o caráter orgânico e progressivo das aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a lhes assegurar seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2015).

Não é difícil entender que uma política educacional alicerçada nos moldes democráticos não negligencia o compromisso social para com os discentes, suas representações, experiências e histórias de vida. Consideramos que as relações construídas com os saberes científicos, em articulação com os saberes da vida, são indispensáveis para uma educação de qualidade. A quais espaços sociais os professores podem recorrer, num esforço de aproximação às vozes que procuram relatar as experiências educativas vividas no interior das escolas? As vozes dos discentes, muitas vezes silenciadas pelo espaço controlado no interior da escola, buscam estratégias de visibilidade em outros suportes e encontram nos territórios fluidos da *web* um eco para manifestações de experiências havidas no cotidiano escolar, como se pode examinar na Figura 1.

Figura 1 – Página adaptada do “IFerrados”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “IFerrados”, no Facebook

Em vista do exposto, podemos observar que, em alguns espaços, os sujeitos podem confidenciar algumas histórias do cotidiano da instituição de ensino. A Figura 1, com a postagem da Usuária A., procura acenar para um fato que, possivelmente, não seria comentado em uma sala de aula: por não ter elaborado uma tarefa de algum professor, o *post* na página do Facebook revela uma experiência de discente do Ifro que, muito provavelmente, não seria registrada em outra materialidade.

Nesse mar da *web*, as redes sociais digitais são reconhecidas pela sua natureza, que oportuniza a produção e a interação com a linguagem em múltiplos sentidos, bem como práticas discursivas capazes de transportar a realidade e as representações da escola para o mundo virtual. Nesse sentido, numa possível escuta sensível, “[...] o educador do mundo contemporâneo deve estar sintonizado com a pedagogia dos tempos tecnológicos, que exige a leitura das diferentes linguagens que estão postas no mundo [...]” (SIMÕES, 2017, p. 195).

Partindo da perspectiva de que aprendemos continuamente ao longo de toda vida, em meio a experiências que se debruçam sobre a teoria e a prática (FREIRE, 1996), devemos entender que os tempos escolares também fazem parte dessa jornada educativa (DELORY-MOMBERGER, 2008). Como num mosaico de memórias, os relatos dos usuários nas páginas do Facebook saltam aos olhos, compondo as suas histórias no interior das instituições de ensino e os seus cotidianos escolares, anunciando, portanto, nas entrelinhas, a historiografia da educação no estado de Rondônia.

De olho nas redes sociais virtuais: em nome das ações educativas diferenciadas no Ifro

É fundamental que o professor-pesquisador, no ato permanente de reflexão sobre sua prática, esteja atento não apenas às narrativas dos documentos oficiais e ao cumprimento de inúmeras agendas inerentes à sua função. Faz-se relevante que ele estabeleça uma relação dialógica com o educando, para compreender seus interesses, suas expectativas e seus desafios no cotidiano escolar. Mas onde seria possível encontrar outras representações discentes que pudessem traduzir os desejos dos estudantes? Além da sala de aula, o universo digital e as tecnologias utilizadas pelos sujeitos apresentam vozes com representações que também dizem muito sobre o processo educativo e as relações dele decorrentes.

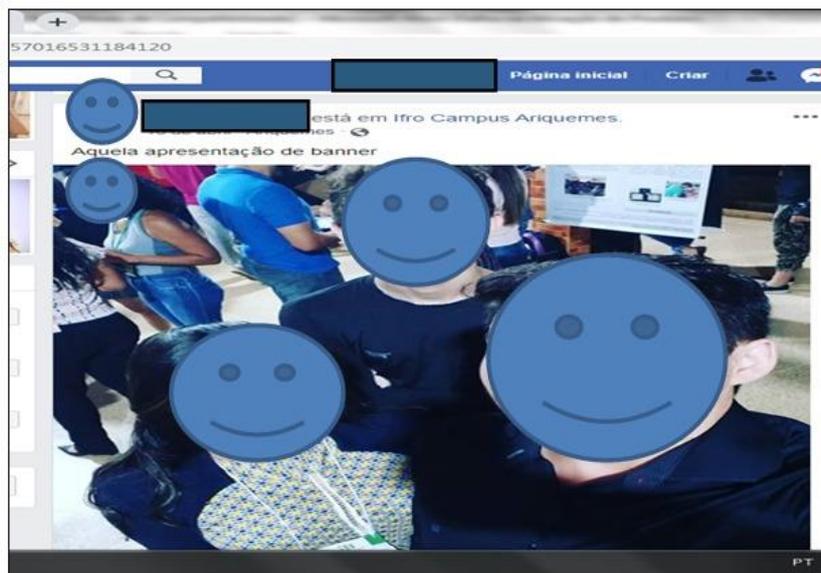
Quais as motivações dos usuários para postarem nas páginas “Ifro Campus Ariquemes” e “IFerrados”, no Facebook? Tentando pensar neste espaço virtual como possível guardião dos traços culturais de uma época, observamos os *posts* de fora,³ visando à captação dos olhares alheios, a fim de tornar visíveis e públicas as suas histórias escolares. O sujeito “[...] narra a sua vida insinua-se nela, de modo imediato, através dos outros, através dos narradores” (BAKHTIN, 2000, p. 169).

Com o incremento das tecnologias da informação, abre-se um leque de possibilidades para refletirmos sobre as técnicas utilizadas pelos usuários da rede para criarem seus espaços de interlocução, porque os dispositivos informativos penetram e se entrecruzam no mais íntimo do sujeito (LÉVY, 1999). Os *posts* dos alunos na página “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook, apresentam experiências pedagógicas que ultrapassam a sala de aula, como visto na Figura 2, no *post* do Usuário R., formado por escrita e imagem, revelando uma ação educativa diferenciada naquela instituição rondoniense: provavelmente, num evento científico proposto pela equipe docente, mais especificamente em um trabalho da modalidade *banner*. As palavras, assim como a imagem, parecem confirmar que a experiência do discente⁴ com a ação educativa foi uma experiência exitosa:

³ Diários pessoais que são tornados públicos pela exposição na rede.

⁴ Por opção metodológica e ética, nas figuras veiculadas neste artigo, que foram retiradas dos arquivos pessoais de um dos pesquisadores, os nomes e os rostos dos discentes estão protegidos, a fim de manter o anonimato sobre suas identidades. Embora se trate de imagens públicas, os pesquisadores não foram oficialmente autorizados a publicá-las; além disso, as postagens foram feitas por jovens, que, como pessoas em desenvolvimento, estão mais inclinadas a mudar de juízo acerca de suas próprias condutas com o passar do tempo. Tomamos o mesmo cuidado ao citar os usuários no corpo do texto, mantendo apenas a letra inicial de seus nomes, bem como nos créditos das figuras, indicando apenas a página de onde foram retiradas.

Figura 2 – Página adaptada do “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook

Nessa perspectiva, diversos pesquisadores do campo da História da Educação entendem que as fontes digitais também anunciam memórias, relatos e testemunhos, sendo, desse modo, partes constitutivas do esforço de tentar compreender o cotidiano escolar e as relações que nele se apresentam.

Defende-se a ideia de que os educandos precisam e merecem ser ouvidos e compreendidos, com vistas à efetivação de um espaço integrador e democrático, que favoreça o desenvolvimento de suas potencialidades, tomando como Norte que

[...] um projeto educacional libertador visa à formação de homens conscientes de suas vidas e dos papéis que representam nelas. É impossível ensinar liberdade, cerceando idéias, oprimindo participações, e ditando verdades. Apercebermo-nos dessas atitudes é essencial para que iniciemos um real processo de transformação da nossa prática. (FURTADO, 2007, p. 46)

Nesse horizonte, entendendo como legítimas as representações digitais de si, que não podem ser mais desconsideradas pela historiografia da educação, na qualidade de professores da área de linguagem, códigos e suas tecnologias, procuramos ampliar o horizonte de investigação a partir das postagens e dos depoimentos/testemunhos nas redes sociais virtuais, no esforço de (re)desenhar ações educativas na escola que levem em conta o protagonismo dos sujeitos.

Com esse propósito, revestidos do espírito de coragem e aventura peculiar aos navegantes, mergulhamos no mar da *web*, mais especificamente no Facebook, em busca de memórias, histórias, relatos e experiências dos usuários, mas também dos cotidianos escolares. De algum modo, esperamos que essas memórias possam iluminar o processo de (re)pensar as ações educativas na escola.

As páginas “Ifro Campus Ariquemes” e “IFerrados” foram criadas por discentes e ex-estudantes do Ifro. Mas que instituição de ensino é esta? Localizado na Amazônia Ocidental, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia é uma instituição pública e gratuita, que oferece cursos técnicos e superiores e tem como missão promover “[...] educação profissional, científica e tecnológica de excelência, por meio da integração entre ensino, pesquisa e extensão, com foco na formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento humano, econômico, cultural, social e ambiental sustentável” (IFRO, 2020, s.p.).

Nesse ambiente virtual, é possível visualizar variadas narrativas e sentidos, especialmente se voltarmos o olhar para pesquisadores que se debruçaram sobre temáticas relacionadas à linguagem nas redes sociais digitais.

Nas referidas páginas, observamos postagens que se utilizam das mais diversas práticas discursivas, em formato de textos e imagens cheios de sentimentos de alegria, companheirismo, bravura, saudades, críticas, inquietudes, ironia e bom humor, retratando o cotidiano dos estudantes e as representações que fazem do espaço escolar. Assim, embarcamos nesta viagem rumo às memórias dos usuários, para refletir sobre o contexto do processo educativo na instituição, como se observa na Figura 3:

Figura 3 – Página adaptada do “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook

Postagens com movimentos de luta espelham o protagonismo dos estudantes e a importância histórica da defesa da democracia, mostrando que “[...] a sala de aula não é uma redoma de vidro, isolada do mundo, e o que acontece dentro da sala de aula está condicionado pelo que acontece lá fora” (LEFFA, 2001, p. 336). Nesse viés, a instituição escolar é um espaço que reflete a diversidade sociocultural e econômica do país.

Dessa forma, é imprescindível aguçar os sentidos e escutar os anseios dos discentes por mais liberdade e oportunidades igualitárias, no esforço de elaborar projetos educativos que estejam diretamente conectados às suas vidas, promovendo a criatividade e o protagonismo dos sujeitos.

Alinhados nas competências gerais da BNCC (BRASIL, 2018), pode-se continuar a aprender e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. Nesse sentido, não convém virar as costas para as razões que os sujeitos

apresentam diante da não realização de alguma tarefa pedagógica. Essas postagens também estão visíveis nas redes sociais virtuais, como visto na Figura 4:

Figura 4 – Página adaptada do “IFerrados”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “IFerrados”, no Facebook

A postagem acima, em tom humorístico, mostra um possível diálogo entre um professor e seu estudante, no qual o discente se justifica por não ter realizado as tarefas, em razão dos afazeres do campo. Embora se trate de uma brincadeira, obstáculos como esse são enfrentados cotidianamente pela classe trabalhadora, que necessita auxiliar a família em suas necessidades básicas.

É preciso considerar os desafios que historicamente permeiam a educação escolar pública: os educandos, oriundos das mais diversas realidades sociais – a grande maioria das camadas populares –, em razão da falta de acesso aos bens culturais e de comunicação, carregam consigo limitações de aprendizagem e apresentam níveis de saberes variados, o que impõe a necessidade de revisão e adaptação dos métodos de ensino, a fim de respeitar seus ritmos e, com isso, dar possibilidades para que todos possam acompanhar e aprender com qualidade, uma vez que é mister ter em conta não apenas o acesso e a permanência na escola.

Assim, entende-se que uma única metodologia de ensino pode não ser eficiente para promover as aprendizagens de todos os discentes e que, portanto, a escola se vê diante do desafio de mapear e conhecer a realidade dos educandos, na tentativa de aplicar as melhores práticas, sem perder de vista as histórias de vida dos sujeitos. Nessa busca permanente, Freire (1996) entende que, pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem, poderemos melhorar a próxima prática.

Nesse jogo de vivências, os educandos, cada qual ao seu modo, vão construindo suas identificações com a escola, em posição de aproximação ou distanciamento, a depender da maneira como este espaço se organiza e do significado que o estudante atribui aos saberes e às relações estabelecidos neste meio social, um “[...] espaço a ser delimitado como território, onde é preciso ter o seu lugar, ‘se reconhecer’ e ‘ser conhecido’ [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 136).

Práticas discursivas na internet

Ao navegar pelas redes sociais digitais, é impossível não notar as características peculiares das linguagens que percorrem esses espaços: vivas e carregadas de sentidos e de representações. Os usuários postam os seus relatos, que revisitam suas histórias escolares. Nesse universo de memórias característico das redes de sociabilidade, Delory-Momberger (2008) anuncia que a categoria do autobiográfico aparece como um princípio de organização que orienta e estrutura a construção dos sentidos, sob a forma de linguagens partilhadas e transmissíveis as experiências dos sujeitos.

No tocar nas teclas, vão se (re)produzindo memórias e histórias do processo educativo, que se entrelaçam e fornecem elementos importantes para a compreensão do cotidiano escolar e das práticas de linguagem dos sujeitos sociais. Simões (2018) sinaliza as fortunas linguísticas produzidas pelos usuários nesse suporte textual, como notado na Figura 5:

Figura 5 – Página adaptada do “IFerrados”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “IFerrados”, no Facebook

É possível observar, na postagem acima, pela ótica de Bakhtin (2000), movimentos criativos do uso da língua, que permeiam o interior das práticas e das interações sociais. Nessa dimensão, “[...] um profícuo espaço de materialização dessa linguagem viva são as redes sociais, nas quais são encontradas diversas formas discursivas, carregadas de diferentes significações [...]” (ZUBLER; LEITE; MASO, 2014, p. 214).

No quadro, de maneira humorada, o *post* faz uma analogia com o futebol, esporte que é paixão nacional e que faz parte do repertório de narrativas inscrito em nossa memória, integrando a cultura e a identidade dos brasileiros (FERREIRA, 2009). Desse modo, ao utilizar como estratégia metafórica um elemento do cotidiano, a publicação desperta, possivelmente, o interesse da maioria. Assim, a postagem brinca com as palavras, evocando o talento de um dos atletas-símbolo nesse esporte, ao comparar seus chutes com a sorte, para quem não estudou o suficiente, de acertar as questões da prova na escola.

O enunciado “Boa prova povo, e bom chute a todos. Que o espírito do Ronaldinho esteja com vcs [*sic*]” joga semanticamente com o sentido da palavra “chute”. Fairclough (2001, p. 231) destaca que “[...] a relação palavra-significado pode mudar rapidamente, e assim, muitos significados potenciais são instáveis, e isso pode envolver disputa entre atribuições conflitantes de significados e significados potenciais das palavras”.

Compreende-se que o estabelecimento de uma relação dialógica no processo de ensino e aprendizagem requer do professor a humildade de se manter atento ao cotidiano (CERTEAU, 2009), condição para que seja capaz de refletir e intervir em prol da melhoria das suas ações educativas nas instituições de ensino. Será que as ações pedagógicas além

dos muros escolares também são importantes para os sujeitos? A Figura 6 pode nos ajudar a refletir sobre esta questão:

Figura 6 – Página adaptada do “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook

Percebe-se, nas postagens acima, a satisfação dos educandos por ações educativas que dialogam com suas realidades sociais e ultrapassam o ambiente das quatro paredes da sala de aula. Essa perspectiva vai ao encontro do entendimento de Zubler, Leite e Maso (2014), ao defenderem que a educação contemporânea não se sustenta com práticas tradicionais de ensino que desconsideram o que o aluno traz de suas ações cotidianas.

A imagem procura mostrar uma aula ao ar livre, na qual os estudantes adquirem conhecimentos teóricos da disciplina de Geologia. Na postagem, a Usuária M. afirma que “[...] nem toda aula tem que ser em uma sala de aula!”, o que, de algum modo, traz uma representação de estudante a que nós, educadores, precisamos estar atentos. Nesse contexto, no planejamento e na execução do fazer docente, é importante considerar a indissociabilidade entre teoria e prática, sem a qual, nas palavras de Freire (1996 p. 12), “[...] a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

As memórias dos usuários destacam as atividades educativas que os motivam nos seus processos de aprendizagem, movimento que se aproxima daquilo que Simões (2012, p. 29) afirma ao ressaltar que “[...] o registro de experiências vividas no cotidiano escolar possibilita ao sujeito, enquanto autor e ator de sua própria história, eleger histórias escolares significativas”. Navegando pelos litorais das redes sociais virtuais, é possível encontrar referências dos educandos às práticas de pesquisa, o que pode remeter às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013), ao considerar como princípios educativos o trabalho, a pesquisa, os direitos humanos e a sustentabilidade socioambiental. A Figura 7 destaca essa vivência dos sujeitos:

Figura 7 – Página adaptada do “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook



Fonte: arquivo pessoal do autor. Imagem retirada da página “Ifro Campus Ariquemes”, no Facebook

Na postagem, o Usuário D. evidencia sua participação no desenvolvimento de projetos de pesquisa, compartilhando seu experimento com o cultivo do inhame. Sua empolgação e seu foco ficam explícitos na legenda “Inovação! Determinação! Gratidão! [...]” e na imagem do campo em que seu projeto escolar ocorreu. Em ações como essa, as memórias retiram do anonimato as ações vividas, tornando-as disponíveis à captação dos olhares alheios (SIMÕES, 2012).

Escuta sensível na web: considerações finais

Na tentativa de escrever as considerações finais, sem qualquer pretensão de esgotar o tema, entendemos que a escuta do Outro deve se constituir em atitude permanente para a produção de um ambiente motivador e construtivo na escola, no qual o

diálogo se estabeleça entre todos os atores, com vistas ao desenvolvimento criativo dos processos formativos.

Nesse viés, os educadores-pesquisadores também podem se aproximar das vozes dos educandos, para uma escuta sensível a partir de suas postagens nas páginas das redes sociais – neste caso, do Facebook –, tomando-as como fontes das memórias dos usuários, de suas representações de si mesmos e das suas experiências nos cotidianos escolares.

Nesta navegação pelos mares da *web*, foi possível observar que as postagens dos usuários se dinamizam pelas linguagens, travando possíveis diálogos semânticos, que dão origem a outros gêneros narrativos. Se as relações havidas nas redes sociais virtuais extrapolam as tradicionais limitações de tempo e espaço, é possível observar, nesses *posts*, a montagem de um painel histórico-social dos sujeitos, composto das suas memórias nesse espaço virtual. Embora possamos considerar que, em geral, os sujeitos estejam submetidos, de alguma forma, ao imperativo da conexão, as representações que fazem de si mesmos têm o compartilhamento da conectividade como prática naturalizada.

Considerando a atual conjuntura dos avanços sociais, científicos e, sobretudo, tecnológicos, que ampliaram as possibilidades de comunicação e interação, entendemos que explorar outros gêneros textuais nas atividades educativas oportuniza aos professores a aproximação aos saberes dos estudantes, trazendo sentido para os seus estudos e, conseqüentemente, motivando-os a perseverarem em suas aprendizagens.

Pedindo licença poética a Caetano Veloso ([201-?], valemo-nos de seus versos – “[...] tempo é um compositor de destinos [...]” – para nos remeter ao compromisso social do educador junto às suas práticas pedagógicas nas escolas, na tentativa de fazê-lo (re)inventar e (re)conduzir a sua orquestra educativa em ritmos mais harmoniosos.

O caráter das ações educativas detém o poder mágico de transformar vidas e (re)definir futuros. Nessa dimensão, defendemos que a educação pode ser capaz de contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos educandos, por meio de um caminho pavimentado em relações de alteridade, no qual ouvir o Outro e com ele manter uma relação dialógica deve constituir-se em uma atitude permanente.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. Brasília: Inep, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: EdUnB, 2001.

FERREIRA, Lucia M. A. As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?**: Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UFRJ, 2009. p. 105-114.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, Julio. O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa. **Revista Aprendizagem**, Pinhais, ano 1, n. 2, p. 44-46, set. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3thJwaU>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA. Matriz curricular de cursos *Campus* Ariquemes: Projetos pedagógicos – PPCS. 2016-2020. **Portal Ifro**, Ariquemes, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3NZjBwP>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LEFFA, Vilson. J. O professor de línguas estrangeiras. *In*: LEFFA, Vilson. J. (org.). **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras**. Pelotas: Educat, 2001. v. 1, p. 333-355.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bit.ly/3zjHwmk>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Escritas à deriva**: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut. Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Conectados na internet, inspirados na escola**: ações pedagógicas com a Língua Portuguesa no IFRJ. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 18. n. 49, p. 194-205, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3NXDWSY>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Memórias digitais**: histórias escolares nas comunidades do Orkut. Curitiba: Appris, 2018.

VELOSO, Caetano. Oração do tempo. **Portal Vagalume**, [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://bit.ly/3zkkFas>. Acesso em: 8 jul. 2020.

ZUBLER, Élide P. Pavanelli; LEITE, Joana R. Moreira; MASO, Luci T. Kroetz. O dialogismo na era digital. **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, Ano 11, n. 16, p. 213-228, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3xjWxDq>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Revisor de línguas e ABNT: *Isaque Gomes Correa*

Submetido em 01/07/2022

Aprovado em 11/02/2023

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)